

A mulher na sociedade de classes: mito e realidade

de Heleieth Saffioti

A originalidade do pensamento de Heleieth Saffioti na análise crítica sobre a condição da mulher na sociedade capitalista

The originality of Heleieth Saffioti's thought in the critical analysis of the condition of women in capitalist society

por Elaine Bezerra*

O livro *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* de Heleieth Saffioti figura como um dos trabalhos considerados pioneiros no campo dos “estudos sobre a mulher”, no Brasil. Relançada após 37 anos de sua 2ª edição, a obra nos convida a enfrentar questões relativas à situação da mulher na sociedade capitalista.

Escrito num contexto bastante adverso, pela dificuldade de acesso ao material bibliográfico e pelo cenário político da época¹, o livro tem duas ambições. Uma que implica rever “o encaminhamento teórico das questões postas pelo cruzamento no modo de operação e das relações entre a determinação comum *sexo* e a determinação essencial do sistema capitalista de produção – a divisão da sociedade em classe sociais” (p. 40). Outra, “inscrita no nível prático”, que impõe a análise crítica de dois tipos de abordagens existentes sobre o problema feminino.

Associadas às preocupações teóricas, Saffioti não pretende apenas interpretar a situação da mulher no capitalismo, mas almeja que sua obra contribua para

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil. End. eletrônico: elainemauriciobezerra@gmail.com

¹O regime político da Ditadura Militar impôs uma série de dificuldades para Heleieth Saffioti. Para mais detalhes, ver Gonçalves e Branco (2011).

vislumbrar as “vias de superação”. Escolhe como um de seus interlocutores o *feminismo*, contrapondo-se ferozmente à versão *pequeno burguesa* do movimento (que hoje poderia ser interpretado como feminismo *liberal*), responsável por difundir determinados mitos justificadores da marginalização das mulheres na sociedade de classes, na medida em que defende a ideia de que o desenvolvimento econômico levará as mulheres aos postos de trabalho, acabando assim com a desigualdade. Saffioti demonstra que, além de não ter sido o capitalismo que inseriu a mulher no mundo econômico, mesmo na sua versão mais desenvolvida, as mulheres continuam marginalizadas ou integradas de forma *periférica*.

A *mulher na sociedade de classes* é fruto da pesquisa que Saffioti realizou com trabalhadoras têxteis e professoras primárias e que resultou na sua tese de livre docência em 1967. O objetivo da pesquisa era “apreender os mecanismos típicos através dos quais o fator sexo opera nas sociedades de classe de modo a alijar da estrutura ocupacional grandes contingentes de elementos do sexo feminino. Visa, ainda, a desvendar as verdadeiras raízes deste alijamento” (p. 39). Compreendeu a dialética marxista como a base teórico-metodológica mais adequada para refletir e questionar a sabedoria convencional que impunha um conjunto de mitos justificadores da situação de inferioridade da mulher em relação ao homem, atribuindo tal situação a uma “evolução desarmônica da sociedade”. A dialética apresenta-se, para a autora, como um método de grande “valor heurístico”, não apenas por possibilitar a realização do teste comprobatório das formulações clássicas, mas, sobretudo, pela incorporação crítica das suas próprias posições.

Para compreender se a marginalização sofrida pela mulher no capitalismo é um processo estrutural ou fruto de um capitalismo “defeituoso”, que não alcançou seu desenvolvimento pleno, Saffioti faz uma incursão nos modos de produção anteriores com vistas a entender quais elementos são “invariantes” no processo que constitui e consolida o modo de produção capitalista. Esta escolha permitiu a comparação entre o Brasil e os países de capitalismo mais desenvolvido. Conclui que em cada *subtipo* de capitalismo (*desenvolvido e subdesenvolvido*)², a condição da mulher aparece como fruto da combinação, de um lado, “da tradição local e das determinações essenciais do sistema capitalista de produção” e, de outro, “dessas mesmas determinações com a condição de autonomia ou de heteronomia dos países em questão e das forças internacionais” (p.41).

²Utilizo aqui os mesmos termos adotados pela autora, embora alguns tenham caído em desuso na literatura.

Aqui reside uma originalidade de sua elaboração. Recorre à divisão internacional do trabalho para examinar a condição feminina no capitalismo e percebe como a marginalização da mulher serve para manter um padrão de equilíbrio do sistema capitalista, que pode ser inclusivo para os países do Norte, mas extremamente excludente para os países subdesenvolvidos.

Em relação às interpretações existentes no interior do socialismo científico sobre como a categoria *sexo* opera na sociedade de classes, Saffioti critica a existência de certo “raciocínio analógico que atribui às categorias de sexos características semelhantes àquelas presentes nas classes sociais, procurando-se desvendar, na elaboração social do fator sexo, os requisitos estruturais e funcionais do sistema capitalista de produção e os mecanismos de sua satisfação” (p.45). Assim, haveria uma dificuldade em distinguir na categoria sexo, o que nela tem origem em si própria, e o que vem da necessidade do sistema manter seu padrão de equilíbrio. Para Saffioti, na constituição e funcionamento da sociedade de classes, existem alguns fatores que aparentemente estão desvinculados desta ordem social, pois pertencem a formações tidas como superadas e em contradição com ela, mas que interferem na dinâmica geral do sistema capitalista.

Outro mérito de sua abordagem consiste em que o surgimento do capitalismo trouxe uma dupla desvantagem à mulher, pois à mediada em que se desenvolviam as forças produtivas, esta foi sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção. Com esta observação, a autora afasta-se de uma leitura economicista da condição da mulher, por entender que as classes sociais são atravessadas pelo *sexo* e este funciona como fator de inferiorização social. Neste caso, o sexo passa a interferir positivamente para “a atualização da sociedade competitiva, na constituição das classes sociais” (p.66). Portanto, não é possível analisar isoladamente a tradição de submissão da mulher ao homem e a desigualdade de direitos entre os sexos. Uma premissa importante para o feminismo, sintetizada posteriormente por Elisabeth Souza-Lobo (2011) na frase: “a classe operária tem dois sexos”.

O diálogo estabelecido por Saffioti com o pensamento e as práticas feministas elabora uma contribuição pioneira no campo dos estudos da mulher ao tratar a problemática como *relacional*, coisa que até então era vista apenas sob a ótica da categoria *mulher*, e que só mais tarde viria a se consolidar com a reelaboração da categoria gênero por Joan Scott.

Também como forma de discriminação utilizada pelo modo de produção capitalista no seu processo de desenvolvimento, a autora observa a presença do fator “raça”, que desempenha um papel “relevante quer na conservação do

domínio do homem branco, quer na acumulação do capital”. A imbricação existente entre sexo, raça e classe são estruturantes da dinâmica capitalista e permanece nas suas configurações particulares atuais. Esta é uma reflexão cara ao feminismo, uma vez que, partindo da mesma preocupação em tratar estas dimensões *imbricadas* na realidade social, algumas autoras elaborariam mais tarde conceitos como *interseccionalidade* (Crenshaw, 2002) ou *consustancialidade das relações sociais* (Kergoat, 2010)³.

Por fim, a originalidade da teoria de Heleieth Saffioti permitiu o estabelecimento de um profícuo diálogo entre os campos do marxismo e do feminismo, o que marcou a produção de conhecimento, sobretudo ao estabelecer uma série de contribuições pioneiras para ambos os campos.

Bibliografia

- CRENSHAW, Kimberlé (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspecto da discriminação racial relativos a gênero. *Estudos Feministas*, vol. 10, n. 1, p. 171-188.
- GONÇALVES, Renata; BRANCO, Carolina (2011). Entrevista – Heleieth Saffioti por ela mesma: antecedentes de “A mulher na sociedade de classes. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 27, p.70-81.
- KERGOAT, Danièle (2010) Dinâmica e consustancialidade das relações sociais. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n.86, pp.93-103.
- SAFFIOTI, Heleieth (1997). Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. *Lutas Sociais*, n. 2, São Paulo, p. 59-79
- SCOTT, Joan (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, pp. 71-99.
- SOUZA-LOBO, Elizabeth (2011). *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Perseu Abramo. 2^o edição.

³A própria Saffioti aprofundará anos mais tarde sua reflexão sobre a importância desta *imbricação* e chegará ao conceito de “nó” das contradições. Ver, dentre outros, Saffioti (1997).